

## Do caipira ao universitário: As evidências do sertanejo na formação social

Felipe Adam<sup>1</sup>



Domingo, dia 5 de maio de 2019. O programa *Fantástico* anuncia a novidade da semana: após vinte anos, *Amigos* retornava em turnê pelo Brasil. O especial da Rede Globo comandado por José Lima Sobrinho e Durval de Lima (nomes originais de Chitãozinho & Xororó), Luís José da Costa e Emival Eterno da Costa (Leandro & Leonardo), Mirosmar José de Camargo e Welson David de Camargo (Zezé Di Camargo & Luciano) marcou a década de 1990 ao receber colegas e celebrar a cultura do interior. Na onda de outros projetos recentes da vanguarda sertaneja – como as duas gravações de *Cabaré*, show comandado por Leonardo e Eduardo Costa; *Lendas*, projeto que uniu Milionário e Marciano; *Tocando em frente*, espetáculo formado pelo trio Almir Sater, Renato Teixeira e Sérgio Reis, além de *Clássico*, gravação das duplas Chitãozinho & Xororó e Bruno & Marrone – *Amigos* apostará em ambientes *gourmet* e produções cinematográficas. Na verdade, muito longe do que um dia o gênero pensou em alcançar.

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), campus de Itajaí e Mestrando em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: [felipeadam91@gmail.com](mailto:felipeadam91@gmail.com).

Goste ou não dos artistas que entoam melodias simples, versos fáceis e temas do cotidiano sofrido, o fato é que a música sertaneja - originada do caipira, expandida nos anos 1980, midiaticizada na década seguinte e popularizada nos últimos 15 anos pelos estudantes em ambientes universitários – carrega um fato comum com as pessoas: seja superficial ou profundo, todo indivíduo tem uma conexão com o interior do país. Diante desse aspecto, percebe-se que – e isso será observado mais adiante - um esforço por parte da mídia e até de um nicho específico em reforçar que o sertanejo seria a “cara” do Brasil. A respeito da busca pela identidade cultural, o sociólogo jamaicano Stuart Hall (1999, p. 59) ensina que não “importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

O livro *Cowboys do asfalto*<sup>2</sup> é resultado da tese do historiador carioca Gustavo Alves Alonso Ferreira. O título de doutor em História foi defendido em 2011 pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e durante os estudos, o autor cursou período sanduíche na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris. Segundo Alonso (2015), o trabalho foi a primeira tese escrita sobre a música sertaneja no Brasil ao apresentar de que forma que ela passou de melodia simples do interior para o gênero mais consumido no país. Quatro anos depois, o documento foi publicado em livro pela Civilização Brasileira, editora pertencente ao Grupo Editorial Record. Atualmente, Alonso é professor efetivo da UFPE no Curso de Comunicação do departamento do Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste/Caruaru. Também coordena o curso de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco (PPGM-UFPE).

Logo na introdução da obra, Alonso relembra os bastidores da pesquisa. Ele afirma que foi no período em que residiu na França que a ideia da música sertaneja germinou. “Resolvi então assumir o novo tema. Ele dizia algo de original tanto para mim como para a sociedade. Ao me aprofundar, constatei as diversas lacunas que atravessavam a música sertaneja, dificultando a própria compreensão da sociedade brasileira como um todo” (ALONSO, 2015, p. 19). Depois, o livro segue com dez capítulos, sendo seis inclusos na

---

<sup>2</sup> O título do livro faz referência ao nome do álbum da dupla Chitãozinho & Xororó, lançado no ano de 1990, que trazia entre outras canções, “Evidências” e “Nuvem de lágrimas”.

primeira parte (*Distinções*) e os demais na segunda (*A vitória dos simulacros*). Além disso, conta com um encarte colorido de imagens de álbuns históricos.

Alonso (2015, p. 26) se dedica a explicar as origens da música do interior na primeira parte. “No Brasil do início do século XX até o fim dos anos 1930 as músicas do interior do país eram classificadas indistintamente como música ‘sertaneja’. (...) Falar de música rural, música do interior, sertaneja ou caipira era tudo a mesma coisa”. Durante o primeiro capítulo, *A disputa pelo Brasil*, o autor conta que foi Inezita Barroso quem uniu o espaço rural e urbano em prol da defesa de uma música popular. Isso na década de 1950. Em paralelo a isso, o rádio se popularizava e trazia consigo gêneros musicais estrangeiros. Essa invasão se refletiu também na música rural. Porém, seria na década de 1970 que o auge da mescla latina com o rural brasileiro atingiria o auge, o que causou o primeiro estranhamento no setor. “A música *sertaneja* seria um som ‘falso e corrompido’ pelas ‘modas estrangeiras’. A música *caipira*, ‘pura’ e ‘autêntica’, seria a verdadeira representante do camponês brasileiro” (ALONSO, 2015, p. 39).

O segundo capítulo, *Estrada da vida*, demonstra o sucesso popular desse gênero, influenciado pela televisão e o cinema, em especial o estilo *western*. No Brasil, o *bang-bang* era ambientado à realidade tropical, quando comediantes como o paulista Amácio Mazzaropi interpretavam o homem do campo numa representação que beirava pureza e até ingenuidade. A própria teledramaturgia também se aproveitou do momento e emplacou ambientes do interior, como as cenas de *Irmãos Coragem*. Todavia, Renato Ortiz esclarece que, mesmo que se tente, nada se compara ao verdadeiro *western*, com a geografia árida e relevos rochosos. “Daí o fracasso das tentativas inúteis em imitá-la. Os ‘falsos’ faroestes produzidos na Austrália, nos anos 40, no Brasil com os filmes de cangaceiros, ou no Japão, nos anos 60, seriam apenas uma cópia malfeita, a pálida presença de um ideal inatingível” (ORTIZ, 1998, p. 112-113). O terceiro capítulo, *Bob Dylans do sertão*, irá apresentar a relação da MPB e da Tropicália com a música sertaneja. Nesse parte, Alonso indica que tanto Renato Teixeira quanto Sérgio Reis – duas figuras que já encarnaram o *country* abraçado – tiveram um passado comum: o primeiro na bossa nova, o segundo no movimento da Jovem Guarda.

Em virtude do embate com a música do oeste estadunidense, o autor não aborda a relação do *country*/sertanejo com o circuito das festas de peão que ocorrem pelo interior do Brasil. A mais famosa delas – Barretos (SP) – acontece desde 1956 e não foi mencionada.

Afinal de contas, “as festas populares tradicionais são acontecimentos identificadores dos fatos locais, são celebrações simbólicas das diversas relações sociais vivenciadas por uma comunidade nos territórios sagrados e profanos” (TRIGUEIRO, 2007, p. 107). A edição do Barretão 2019 acontece entre 15 a 25 de agosto com uma programação abarrotada de atrações musicais midiáticas que extrapolam o limite do sertanejo – como o pagode do cantor Ferrugem, o axé de Ivete Sangalo e o ritmo eletrônico do DJ Alok. Conforme Trigueiro (2007, p. 109) analisa: “São as imbricações dos ritos e rituais tradicionais e contemporâneos celebrados nos interiores das festas populares que temperam os vínculos sociais, as vinculações culturais e as conversações com os outros de fora dos seus território paroquiais que vão constituindo as identidades”.

O próximo capítulo (*Canhotos à direita*) revela a aproximação desse tipo de música com o ufanismo militar do regime ditatorial. “Essa era a tônica das canções sertanejas apologéticas: mais nacionalismo do que louvação ao regime, embora este também exista. Em geral tratava-se de defender o espírito congregador da sociedade brasileira, mesmo que para isso fosse necessário ser agressivo” (ALONSO, 2015, p. 109). Porém, conforme apontado pelo autor, o problema também era observado em artistas da MPB, como Elis Regina e o sambista Martinho da Vila. O quinto capítulo, *Jeca Total*, questiona a invenção do sertanejo urbanizado. Ao resgatar a dicotomia caipira x sertanejo, Alonso (2015, p. 147) indaga o porquê daquela ser vista como o símbolo do homem rural. “Isso se explica pelo fato de os críticos verem a música sertaneja como fruto pura e simplesmente da indústria cultural, enquanto os artistas da música caipira exerceriam uma *resistência* ao mercado massivo”. Além disso, a mesma indústria se aproveitaria do ritmo para alienar as pessoas. O discurso amoroso controlaria a massa (ALONSO, 2015). Nesse capítulo, o historiador ainda menciona que durante o regime a música sertaneja também tentou se aproximar da Igreja bem como de protestos sociais relacionados à questão agrária e a exploração operária, também analisada por outro historiador, Paulo Cesar de Araújo, em pesquisa de mestrado sobre a música caipira<sup>3</sup>.

O sexto capítulo, *Cio da terra*, aborda a consolidação da música caipira, especialmente com a inserção dela na televisão. O programa divisor de águas foi o *Som Brasil*, na TV Globo, comandado pelo apresentador Rolando Boldrin a partir de 1981. Na mesma

---

<sup>3</sup> O livro *Eu não sou cachorro, não: Música popular caipira e ditadura militar* (2002) é resultado do mestrado em História, originalmente defendido em 1999 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

época, a cantora Inezita Barroso apresentava o *Viola, minha viola*, na TV Cultura. Porém, não foi apenas em programas de auditório que o caipira era prestigiado. Um ano antes, ia ao ar na emissora a primeira exibição do *Globo Rural*. Nos bastidores da reportagem, José Hamilton Ribeiro, um dos jornalistas mais celebrados no Brasil; porém, pouco venerado pela sua pesquisa sobre música caipira.

Já a identidade sertaneja seria aceita e associada a determinados artistas a partir da década de 1980. Na leitura do capítulo sete, *Fio de cabelo*, o leitor conhece a ascensão musical da dupla paranaense Chitãozinho & Xororó e o pioneirismo de sucesso. Em 1986, os irmãos estreiam com um programa musical no SBT onde recebem artistas do gênero. Com a popularização, a dupla se torna referência em vários aspectos: a primeira a subir no palco da casa de espetáculos Palace, aparece pela primeira vez no programa *Globo de ouro* – ambos em 1988; no ano seguinte, emplacou a primeira música sertaneja em uma novela da TV Globo<sup>4</sup>. No capítulo, Alonso justifica a expansão da música sertaneja pelo fato de estar em sintonia com outros artistas que se identificavam com o gênero, como Jair Rodrigues, Fafá de Belém e Amado Batista. Na virada da década o sertanejo assume o caráter romântico, o que torna célebre as duplas Chrystian & Ralf, Leandro & Leonardo, Zezé Di Camargo & Luciano. É nessa época que se dá a aproximação dessas duplas com Roberto Carlos<sup>5</sup>, fato que se repercutirá sucessivas vezes. Proximidade essa que resultou, de 1986 até 2012, em 12 participações de artistas sertanejos no especial de Natal do Rei.

No oitavo capítulo, *“Não me deixem só!”*, Alonso (2015, p. 263) se dedica a concentrar o impacto do sertanejo na década de 1990, a começar pelo mandato do ex-presidente Fernando Collor de Mello. No governo Collor, sertanejos eram vistos com frequência na Casa da Dinda, residência oficial do então presidente em Brasília. “Em 1992, ano em que o governo se afogava em acusações de corrupção, os sertanejos fizeram duas visitas ao presidente e à primeira-dama, sempre levados pelo apresentador Gugu Liberato, que capitaneava o programa *Sabadão Sertanejo*”. O embate do sertanejo com o rock nacional também foi lembrado pelo historiador. Em virtude dos problemas econômicos que o Brasil vivenciava e que repercutiram na indústria fonográfica, “(...) a escassez foi mais sentida entre

---

<sup>4</sup> A canção foi “No rancho fundo” na novela *Tieta*, exibida entre agosto de 1989 e março de 1990.

<sup>5</sup> O ápice ocorreu em 2010, quando foi gravado o especial *Emoções sertanejas*, em virtude das comemorações alusivas aos 50 anos de carreira do cantor e compositor capixaba.

as bandas de rock, que tiveram uma queda de 60% a 70% nas vendas. Apesar da crise geral, a música sertaneja assumiria a liderança de vendas no mercado” (ALONSO, 2015, p. 254).

Os dois último capítulos – *Entre tapas e beijos* e *Os netos de Francisco* – evidenciam o *boom* do gênero musical enquanto um ritmo dançante e festivo. Alonso (2015) comprova<sup>6</sup> que a música sertaneja foi quem salvou a indústria fonográfica nacional em paralelo à substituição do LP e da fita cassete pelo CD. Associado a isso, Alonso (2015, p. 283) critica o fato de muitos opositores do sertanejo acusarem os músicos como simples marionetes da Escola de Frankfurt, onde apenas serviriam como porta-vozes das grandes instituições. Quem contesta afirma que “os artistas do sertão seriam meros produtos criados pela indústria cultural para se reabilitar um mercado em crise na década anterior”. Outra crítica que os sertanejos carregavam eram de que simbolizavam o agronegócio, o que os afastava da música caipira, tradicional e que defendia a reforma agrária. Contudo, a década de 1990 se estabilizaria como os anos sertanejos, muito pela visibilidade da duplas como Gian & Giovani, João Paulo & Daniel e o programa *Amigos*, que reunia as três maiores duplas do gênero naquele momento: Chitãozinho & Xororó, Leandro & Leonardo, Zezé Di Camargo & Luciano. Embora a expansão tenha sido intensa pelas rádios dos grandes centros urbanos, a novidade era mal vista e por isso, a resistência, muito forte, especialmente no Rio de Janeiro<sup>7</sup>. “A chegada a essa parte do Brasil teve um momento crucial: os shows em casas de espetáculo tradicionalmente ocupadas por artistas da MPB. Em São Paulo, as casas de show Olympia e Palace. No Rio de Janeiro, o Canecão” (ALONSO, 2015, p. 307). Aliado a isso, as novelas *Pantanal* e *A História de Ana Raio e Zé Trovão*, exibidas em 1990 e 1991 pela extinta TV Manchete e *O rei do gado*, transmitido pela TV Globo nos anos de 1996 e 1997, abriram espaço para reforçar a grife sertaneja nos lares brasileiros.

A partir da segunda metade dos anos 2000, a música sertaneja vai respingar nas universidades. Seria reificada, transformada em uma nova roupagem. E uma das razões foi a

---

<sup>6</sup> A constatação de Alonso (2015) se baseia em pesquisa de doutorado de Vicente (2002), intitulada *Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90*.

<sup>7</sup> Há 30 anos, imaginar que a música sertaneja desfilaria na Marquês de Sapucaí era como acreditar em Papai Noel. Contudo, em 2016, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense trouxe à avenida a história da dupla Zezé Di Camargo e Luciano bem como das demais culturas do universo goiano. A homenagem se deu em virtude dos 25 anos do sucesso *É o amor*, através do samba-enredo *É o amor que mexe com a minha cabeça e me deixa assim. Do sonho de um caipira, nascem os filhos do Brasil*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-02/imperatriz-leopoldinense-homenageia-zeze-de-camargo-e-luciano-na-avenida>. Acesso em 01 mai. 2019.

grande aceitação do público com o lançamento do filme *Dois filhos de Francisco*, em agosto de 2005. “O filme (...) foi importante para a história da música sertaneja no Brasil. Ele recolocou a questão das origens rurais como tema central. Esse processo (...) teve início na segunda metade da década de 1990, quando as duplas passaram a vincular mais a ruralidade em sua estética” (ALONSO, 2015, p. 354-355). Ademais, a produção musical do filme era composta por artistas da MPB, como Caetano Veloso e Nando Reis. A migração para o rótulo universitário fez abrir espaço à duplas que escolheram festas universitárias como seus primeiros locais de apresentação, como os *remakes* de Cesar Menotti & Fabiano; profissionalizaram estudantes que apenas cantavam como *hobby* – Fernando & Sorocaba, João Bosco & Vinícius, Jorge & Mateus - bem como oportunizaram duplas renascem após um período de obscurecimento, como os irmãos goianos Guilherme & Santiago. “Ao se transformar em mitos de si mesmas, as duplas dos anos 1990 perderam a vanguarda das mudanças. A partir de então, passaram a ser vistas não mais como a ‘modernidade’, mas como a tradição. Tornaram-se ‘sertanejo de raiz’, por mais paradoxal que o termo seja” (ALONSO, 2015, p. 358).

O ápice do sertanejo universitário ocorreu em 2011, quando o sucesso de *Ai, se eu te pego* chegou à Europa, especialmente quando o jogador português Cristiano Ronaldo<sup>8</sup> comemorou o gol pelo clube espanhol Real Madrid ao lado do brasileiro Marcelo, no ritmo da canção gravada por Michel Teló. “Em maio de 2013, o clipe (...) era o nono vídeo mais visto na história do Youtube: tinha mais de 500 milhões de visualizações. É como se quase 10% da população do mundo tivesse visto o clipe de Teló” (ALONSO, 2015, p. 360). Desde a postagem do vídeo no canal do cantor em 25 de julho de 2011, a música já foi vista por mais de 866 milhões de usuários. A animação da música tornou o intérprete porta-voz da nova geração: após estrear o quadro *Bem sertanejo* no dominical *Fantástico* e percorrer o Brasil com um musical intitulado da mesma forma, Teló foi escolhido para substituir o técnico Daniel no reality *The Voice* e dividir cadeira com mais três técnicos: Claudia Leitte – que cedeu lugar a

---

<sup>8</sup> O jogador comemorou o segundo gol na vitória de 4 a 0 sobre o Málaga, em partida realizada em 22 de outubro de 2011. Disponível em: <https://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2011/10/22/cristiano-ronaldo-danca-ai-se-eu-te-pego-em-comemoracao-de-gol/>. Acesso em 01 mai. 2019.



Ivete Sangalo -, Carlinhos Brown e Lulu Santos, que há 30 anos, criticava a ideologia sertaneja<sup>9</sup>.

Publicado em 2015, Alonso não analisou as recentes transformações do sertanejo, como a relação com o funk e o pagode. Essa mescla de ritmos indica práticas híbridas, já que são produtos que remetem a diferentes tradições culturais. O historiador inglês Peter Burke admitiu que “toda inovação é uma espécie de adaptação e que encontros culturais encorajam a criatividade”. Porém, o impacto social e o envolvimento político observado na corrida presidencial de 2018 merece uma rápida reflexão. A partir do status artístico promovido pelo poder simbólico emanado pelo entretenimento, artistas sertanejos como os cantores e compositores mineiros Eduardo Costa e Gustavo Lima, o paulista Giovani - que canta com o irmão Gian - e o tocantinense Rick - que faz dupla com Renner - demonstraram publicamente, através do Instagram, o apoio ao então candidato à Presidência, Jair Messias Bolsonaro. Porém, o caso mais curioso envolveu o também sertanejo Zezé Di Camargo. Após gravar um vídeo ao lado do então candidato do PSL, o goiano se emocionou ao repetir o slogan da campanha “Brasil, acima de tudo e Deus, acima de todos”. Além disso, os versos “Feito um trem desgovernado/quem trabalha tá ferrado/nas mãos de quem só engana/Feito um mal que não tem cura/estão levando à loucura/O país que a gente ama”, da canção *Meu país*<sup>10</sup>, serviriam de tema do programa eleitoral da semana seguinte. O fato não tomaria tanto destaque se o cantor não tivesse se envolvido com candidatos diversos em campanhas anteriores. No ano de 2002, por exemplo, a dupla Zezé e Luciano participaram de um dos programas do candidato Luís Inácio Lula da Silva cantando a música *Vida de viajante*, de autoria de Luiz Gonzaga<sup>11</sup>. Inclusive, em 2009, os sertanejos foram convidados pelo próprio presidente Lula a gravarem a canção *Meu primeiro amor* para o longa *Lula, o filho do Brasil*, estreado em 2010. Já em 2014 - juntamente com a filha Wanessa e outros artistas do meio,

---

<sup>9</sup> Por estar associada a Era Collor, a música sertaneja foi taxada como responsável pelos problemas de corrupção no país. Em programa de Fausto Silva exibido em setembro de 1992, Lulu Santos opina sobre política e alfineta o gênero (ALONSO, 2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wqdnj8uHddM>. Acesso em 30 abr. 2019.

<sup>10</sup> Faixa 12 do oitavo álbum da dupla, lançado em 1998. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dBmR5dl1H1M>. Acesso em: 12 dez. 2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCxVj4YKttw>. Acesso em: 14 dez. 2018.



como Chitãozinho & Xororó e Renato Teixeira, – Zezé deu voz à melodia “A força que o Brasil precisa/Chamou/Aé Aé Aé Aécio/Eu vou”<sup>12</sup>.

A música sertaneja pode ser estudada levando em conta as diferentes matizes em que ela está inserida. Alonso não aprofunda, ainda, a objetificação das mulheres e a relação com os estudos de gênero, o que também não torna seu trabalho menos fundamental. Todavia, é válido citar que em 2017, a cantora Roberta Miranda lançou o DVD “Os tempos mudaram”, com participação das cantoras Day & Lara, Maiara & Maraísa, Marília Mendonça, Naiara Azevedo, Simone & Simaria e Solange Almeida. Gravado no Dia Internacional da Mulher, o especial foi alusivo aos 30 anos de carreira e destacou a inserção das artistas femininas na seara musical sertaneja.

Embora seja um produto resultado de um texto acadêmico, o livro não exagera em preciosismos nem utiliza linguagem rebuscada. Por lidar com um assunto próximo do público, Alonso conduz o leitor pelos capítulos sem criar cisões entre as décadas. Quando necessário, resgata temas já citados e antecipa discussões. Como fonte de referência histórica, *Cowboys do asfalto* assume a missão de traçar uma cronologia da música sertaneja, do caipira ao universitário. E ainda reconhece a importância desse gênero musical que a torna fundamental para o entendimento do interior brasileiro.

#### **Ficha Técnica:**

**Título:** Cowboys do asfalto: Música sertaneja e modernização brasileira.

**Autora:** Gustavo Alonso

**Editora:** Civilização Brasileira

**Ano:** 2015

**Número de páginas:** 560 p.

**Tamanho:** 16 x 23 cm.

**ISBN** 978-85-200-1095-2

#### **Referências**

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto**: Música sertaneja e modernização brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sJyPiTgbwQo>. Acesso em: 14 dez. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festas populares. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. **Noções básicas de Folkcomunicação**: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.